



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA  
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA

**JOYCE DA SILVA TEIXEIRA  
LAUDINEI MUNHAK BUCHINGER**

**LUDICIDADE NO ENSINO DE GRAMÁTICA:  
ESTRATÉGIAS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA  
DOS COMPLEMENTOS VERBAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, realizado no formato artigo, apresentado à Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, da Universidade Federal do Pará, Campus Altamira, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Augusta Lopes  
Costa

Altamira, PA  
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de  
acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade  
Federal do Pará**

**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

M9631 Munhak Buchinger, Laudinei.

Ludicidade no ensino de gramática : Estratégias para uma  
aprendizagem significativa dos complementos verbais /  
Laudinei Munhak Buchinger, Joyce Da Silva Teixeira. —  
2025.

31 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Elisa Augusta Lopes Costa  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal  
do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de  
Letras - Língua Portuguesa, Altamira, 2025.

1. Ludicidade. 2. Aprendizagem significativa. 3. Ensino  
de gramática . 4. Complementos verbais. I. Da Silva  
Teixeira, Joyce. II. Título.

CDD 370

---

**LUDICIDADE NO ENSINO DE GRAMÁTICA:  
ESTRATÉGIAS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA  
DOS COMPLEMENTOS VERBAIS**

Joyce da Silva Texeira  
Laudinei Munhak Buchinger

**RESUMO:** O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo ressaltar a importância que há na utilização da ludicidade como ferramenta metodológica de ensino, visando estimular uma forma de aprendizagem mais significativa na área da gramática e amenizar as dificuldades encontradas por educandos na utilização dos complementos verbais. Para atingir o objetivo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, bem como uma intervenção na realidade escolar com abordagem qualitativa, tendo como público-alvo alunos do 6º ano do ensino fundamental, os quais participaram de uma sequência de aulas baseadas em atividades lúdicas. Foram utilizados como base teórica voltada para os aspectos gramaticais autores como Bechara (1995) e Lapa (1991); em relação às metodologias de ensino foram utilizados os conhecimentos de Bacich e Moran (2018) e Costa (2020). No que tange à ludicidade, destacam-se Luckesi (2015, 2017) e Costa (2018). Os resultados foram muito satisfatórios, pois os alunos se envolveram em todas as atividades e foi possível verificar um aumento no conhecimento explícito em relação ao tema.

**Palavras-chave:** Ludicidade; Aprendizagem significativa; Ensino de gramática; Complementos verbais.

**ABSTRACT:** The present research aims to highlight the importance of using playfulness as a methodological teaching tool, with the goal of promoting a more meaningful learning experience in the field of grammar and easing students' difficulties in using verbal complements. To achieve this objective, we conducted a bibliographic review, as well as a school-based intervention using a qualitative approach. The target audience was 6th-grade elementary school students, who participated in a series of lessons based on playful activities. The theoretical foundation for the grammatical aspects drew upon authors such as Bechara (1995) and Lapa (1991), while teaching methodologies were informed by Bacich and Moran (2018) and Costa (2020). Regarding the concept of playfulness, key references included Luckesi (2015, 2017) and Costa (2018). The results were very satisfactory, as the students were involved in all activities and it was possible to verify an increase in explicit knowledge regarding the topic.

**Keywords:** Playfulness; Meaningful Learning; Grammar Teaching. Verbal complements.

## INTRODUÇÃO

As atividades lúdicas estão presentes na vida do ser humano desde antiguidade, embora o lúdico, muitas vezes, seja utilizado sem que se perceba sua importância e representatividade para o desenvolvimento e a aprendizagem de culturas, saberes e os costumes de um povo. No que tange ao âmbito educacional, a ludicidade é uma importante ferramenta metodológica de ensino que proporciona ao educador e ao educando um leque de oportunidades para a facilitação da aprendizagem de quaisquer disciplinas e assuntos relacionados a diferentes áreas do ensino e aprendizagem.

Quando o assunto é gramática, muitos alunos se sentem perdidos e fatigados com temas que são vistos como “bicho de sete cabeças”, como os complementos verbais. São notórias, dentro das salas de aula, as dificuldades encontradas pelos alunos quando se trata da compreensão e produção textual no que se refere ao aspecto relacionado à concordância verbo-complemento. Pensando nessas dificuldades, procuramos uma possibilidade para minimizar o problema, sendo que a ludicidade pareceu-nos uma alternativa viável para levar aos alunos formas mais interativas e ativas que permitam uma melhora no entendimento do assunto em questão.

Desse modo, procuramos elaborar uma proposta de intervenção baseada na ludicidade, guiados pelos seguintes questionamentos: Qual o papel dos complementos verbais na coerência do texto? Qual a importância do conhecimento explícito sobre complementos verbais? Que tipo de atividades lúdicas poderiam ser utilizadas para desenvolver a competência linguística dos estudantes no tocante ao tópico em questão? Com base nas questões levantadas, elaboramos uma Sequência Didática com atividades lúdicas tendo como tema central os complementos verbais, a qual foi direcionada a turmas do 6º ano do ensino fundamental.

O objetivo principal do trabalho foi apresentar a importância do lúdico como fator de despertar o interesse dos alunos e fazer com que os estudantes consigam entender e utilizar de forma correta os complementos verbais. Como objetivos específicos destacamos o desenvolvimento do conhecimento explícito sobre complementos verbais, demonstração do papel dos complementos verbais na coerência textual e utilização de atividades com base na ludicidade para promover aprendizagens duradouras e significativas.

O trabalho foi dividido em 3 tópicos: No primeiro tópico foram abordados os aspectos e a definição do que é a ludicidade e como a sua utilização é importante dentro das atividades de ensino; o segundo tópico trata da importância do conhecimento explícito sobre os complementos verbais e o papel desempenhado por eles na construção e no entendimento dos

textos; no terceiro e último tópico estão descritas as atividades lúdicas utilizadas, sua aplicação prática em sala de aula e os resultados alcançados no decorrer das aulas.

## **1 LUDICIDADE: DEFINIÇÃO E ABRANGÊNCIA**

Para o professor, a prática docente é um desafio que deve ser enfrentado dia após dia. Nas dificuldades encontradas pelos mestres em meio ao caminho, temos como exemplo as estruturas precárias de muitas escolas públicas, as dificuldades que os alunos trazem de suas casas para a sala de aula, a falta de incentivos governamentais na disponibilização de materiais e recursos que poderiam promover uma educação com mais qualidade para os docentes e os discentes. Nesse contexto, o educador não pode colocar-se em sala de aula somente como um transmissor do saber, mas criar possibilidades para a construção de saberes (Freire, 2008, p.47), levando sempre em consideração os conhecimentos prévios dos alunos.

Diante disso, com a evolução do processo educacional nas últimas décadas, que coloca diante do aluno uma forma de ensino com mais liberdade, destaca-se o surgimento das metodologias ativas de ensino, que levam em consideração a importância da aprendizagem ativa e significativa. A ludicidade é uma parte relevante nesse processo, pois as atividades lúdicas torna-se uma forma ativa, prática, prazerosa e eficiente de trazer à sala de aula uma metodologia de ensino que proporcione novas vivências e leve os alunos a aprenderem e se divertirem ao mesmo tempo. De acordo com Rau (2013, p. 63) “a ludicidade auxilia o educador no desafio de ensinar”.

### **1.1 A importância da ludicidade como ferramenta metodológica de ensino e aprendizagem**

As brincadeiras que inventávamos e das quais participávamos quando crianças, de forma inocente e somente como forma de nos entreter, não eram tidas como uma forma lúdica e eficaz de aprendizagem, nem poderíamos saber do que se tratava o lúdico ou a ludicidade, pois nem os nossos pais tinham conhecimento do significado de tais palavras. A brincadeira continuava sempre de forma ativa; observávamos os mais velhos e, como atores e atrizes mirins, íamos imitando o que eles faziam na lida diária da casa e nos afazeres da vida no campo ou na cidade. Para nós, e muitas vezes para os nossos pais, aquilo não passava de uma brincadeira boba, sem a conscientização de que aquelas ações reproduzidas por nós estavam sendo assimiladas e nos proporcionando aquisição significativa e implícita dos costumes e culturas da sociedade em que vivíamos.

Costa (2018), em suas observações na construção de sua tese de doutorado, esteve em meio ao povo indígena Krahô, e nos relata que as crianças observavam os mais velhos em seus afazeres e também participavam de algumas atividades realizadas em suas comunidades.

A participação das crianças em atividades voltadas, em princípio para os adultos, apresenta um aspecto preparatório, como se verifica na ocasião do ritual Jât Jõ PI, quando as crianças participam correndo com toras pequenas antes da corrida dos adultos e também da brincadeira do arremesso das batatas. Deste modo, percebemos que, nas aldeias do povo Krahô, as crianças aprendem convivendo com os mais velhos e participando das atividades diárias, tendo também momentos específicos de ensino e aprendizado (Costa, 2018, p.121).

Assim, é possível afirmar que as atividades lúdicas se fazem presentes nas formas de aquisição de cultura, costumes e saberes em todas as sociedades existentes, mesmos que os indivíduos não tenham conhecimento do que significa a ludicidade e o seu papel no desenvolvimento do ser humano.

Segundo Luckesi (2015), a ludicidade é um estado da alma, algo interno, que se manifesta por meio das atividades realizadas.

Em síntese, a *ludicidade*, propriamente dita, configura-se como um estado interno de quem *vivencia* as experiências das atividades lúdicas, uma vez que as atividades, por si, pertencem ao domínio externo ao sujeito, e, portanto, à dimensão objetiva. Frente a essa compreensão, ludicidade e atividades lúdicas são fenômenos epistemologicamente diversos e, dessa forma, necessitam ser compreendidos (Luckesi, 2023, p. 13).

O autor ressalta que, em cada fase da vida humana, levando em consideração a cultura e os costumes de cada comunidade, o *lúdico* se apresenta de forma diferente. Entretanto, é necessário entender as particularidades de interesse em cada fase de desenvolvimento humano, uma vez que cada idade tem necessidades e graus de aprendizagens que variam entre si. Desse modo, as atividades deverão ser desenvolvidas de acordo com a faixa etária de cada grupo.

É sempre importante salientar que as atividades lúdicas devem ser pensadas de forma a estimular a curiosidade do aluno, a participação e interação entre os indivíduos. Após a exposição de um assunto, é importante que o educador sempre incentive os seus alunos a expressarem suas dúvidas e curiosidades, estimulando-os com perguntas para que eles usem da oralidade e consigam expor o que pensam e o que entenderam do assunto exposto em sala. Conforme Bechara (1995, p.46) “esse exercício não só promoverá um desenvolvimento de uma

habilidade e de um hábito de falar, de verbalizar, mas ainda de reflexão, de formulação de ideias, sobre a própria atividade linguística”. Luckesi (2015, p. 132) confirma a colocação de Bechara ao afirmar que “as aprendizagens significativas no cotidiano da vida humana dependem da exercitação compreendida”. Desse modo, a finalidade maior do brincar e do exercício se mostrará em sua forma mais plena e importante, quando a ludicidade for utilizada como ferramenta metodológica de ensino e avaliação, por meio de atividades que exercitem a mente dos alunos e que os incentivem a pensar e formular respostas escritas e/ou verbalizadas em momentos de conversação entre os colegas e o professor, por meio de jogos, debates ou outras atividades que contenham um aspecto lúdico.

A ludicidade também exerce um papel importante em relação aos problemas estruturais da maioria das escolas públicas localizadas tanto na zona rural quanto na zona urbana, que não oferecem ao professor e aos alunos um bom sinal de internet e a eletricidade às vezes não funciona como deveria. Em sua tese, Costa (2018, p. 17, 18), pensando nesses problemas encontrados pelos professores e pelos estudantes em diversas escolas do país, apresenta recursos que são de fácil confecção e não dependem de energia elétrica ou de internet para que sejam utilizados, esses recursos foram denominados por ela como *recursos visuais alternativos*. Tais recursos, que possibilitam a elaboração de atividades com caráter lúdico, seja na diversificação na forma de exposição das aulas ou como suporte para realização de jogos didáticos, fazem parte do conjunto de materiais didáticos, conforme definição de Freitas (2007).

Também conhecidos como “recursos” ou “tecnologias educacionais”, os materiais e equipamentos didáticos são todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando a estimulação do aluno e a aproximação do conteúdo (Freitas, 2007, p. 21).

Os recursos didáticos alternativos são de fácil construção, tem um custo baixo podendo ser usados materiais recicláveis em sua elaboração como por exemplo: caixas de papelão, tampinhas de garrafas etc. Para os estudantes, esses recursos promovem uma interação muito maior entre ele e o professor, conseguem se soltar mais, ajuda a melhorar a oralidade, diminui a timidez, e principalmente, auxilia no processo de assimilação do conhecimento explícito.

Só pela presença, os materiais didáticos já cumprem a missão de estabelecer contato na comunicação entre professor e aluno, alterando a monotonia das aulas exclusivamente verbais. Esses materiais ainda podem substituir, em grande parte, a simples memorização, contribuindo para o desenvolvimento de operações de análise e síntese,

generalização e abstração, a partir de elementos concretos (Freitas, 2007, p. 24).

O uso dos recursos didáticos alternativos auxilia na estimulação da oralidade e ajuda os alunos a desenvolverem habilidades de interação e trabalho em equipe, fazendo com que eles se sintam valorizados e com mais interesse em participar das atividades desenvolvidas durante as aulas. A utilização de jogos didáticos com apoio em recursos visuais alternativos possibilita ao professor uma forma mais prática e atualizada no processo de avaliação de aprendizagem individual ou em grupo dos alunos no que diz respeito aos assuntos abordados durante as aulas.

Assim uma atividade lúdica ou um jogo bem planejado e utilizado de forma adequada oferece muitas vantagens, entre elas: facilita a aprendizagem; permite a tomada de decisão; dá significado a conceitos de difícil compreensão; potencializa a participação ativa; socializa e estimula o trabalho em equipe (Oliveira e Oliveira, 2021, p.121).

Ao introduzir os jogos como uma ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, o professor terá a possibilidade de estimular os alunos a terem autonomia, pensamento crítico, formulação de perguntas e respostas, melhorará o diálogo, e os debates sobre variados assuntos ocorrerão de forma mais natural e democrática. Segundo Rau (2013, p. 64), “no jogo, o educando desenvolve a iniciativa, a ação e a reação à pergunta e à dúvida, a busca do entendimento dos conteúdos para além da escola”. Antes de utilizar um jogo em sala de aula, é importante explicar de forma clara as suas regras e a sua finalidade. Os estudantes devem ter clareza que aquele jogo não é somente uma brincadeira, que aquela atividade faz parte da aula e foi elaborada para ajudá-los a entender melhor o assunto de uma forma mais interativa.

Luckesi relaciona o aprendizado lúdico a um aprendizado ativo, pois o ser humano aprende por meio da ação durante a vida inteira.

O ser humano é um ser ativo e, em função disso, aprende pela atividade, desde a concepção até a morte. No presente momento, que temos à nossa disposição recursos de investigação por imagens, sabe-se que o embrião, o feto e o bebê no ventre materno são ativos. E, após o nascimento, sem sombra de dúvidas, é pela ação que bebês e crianças aprendem e se desenvolvem; da mesma forma que o ser humano em outras idades. Nós adultos também aprendemos e nos desenvolvemos pela ação; uma ação compreendida, mas sempre por uma ação (Luckesi, 2015, p.132).

Por sermos seres ativos, a ação faz parte do processo de desenvolvimentos do ser humano. Portanto, é necessário que sempre tenhamos em mente a importância de utilizar formas ativas de ensino que ajudem na mediação entre o aluno e aprendizagem, pois a sala de aula é um dos locais mais propícios e importantes para desenvolvermos com os alunos atividades que os levem a pensar, agir em equipe, desenvolver sua capacidade oral, escrita, interpretativa, argumentativa, desenvolver o pensamento crítico e outras competências.

## **1.2 A ludicidade na aprendizagem ativa e significativa de gramática**

Diante da grande importância que tem o professor no processo de ensino-aprendizagem, é necessário um olhar para além dos livros didáticos e é de fundamental importância que o educador busque formas de demonstrar ao aluno que ele é parte fundamental do processo e que ele não está na sala de aula somente para ocupar uma cadeira e ser um mero espectador do que está sendo exposto. O aluno precisa ter lugar de fala na sala de aula, ter seus saberes respeitados, suas curiosidades levadas em consideração e, se possível, sanadas, sendo motivado por meio da ação. De acordo com Luckesi (2015),

Ensinar pela ação significa que o educador, não só respeitará como utilizará adequadamente essa qualidade do ser humano, que, de um lado, deverá ser o pano de fundo de suas atividades de ensino e, de outro, a meta das aprendizagens dos educandos (Luckesi, 2015, p. 134).

Graças às transformações que foram surgindo e trazendo luz aos olhos de estudiosos e professores durante o passar dos anos, foram surgindo novas técnicas para amenizar as dificuldades encontradas por professores e alunos no processo de ensino e aquisição de saberes pelos estudantes. As Metodologias Ativas de ensino fazem parte dessa transformação que vem ocorrendo e provocando mudanças significativas e positivas nas formas de ensino-aprendizagem. Para Moran (2018),

As metodologias voltadas para a aprendizagem consistem em uma série de técnicas, procedimentos e processos utilizados pelos professores durante as aulas, a fim de auxiliar a aprendizagem dos alunos. O fato de elas serem ativas está relacionado com a realização de práticas pedagógicas para envolver os alunos, enganjá-los em atividades práticas nas quais eles sejam protagonistas da sua aprendizagem (Moran, 2018, p. 81).

Dessa maneira, a aula ocorrerá de forma mais agradável e com um nível maior de assimilação significativa dos conteúdos expostos pelo docente. De acordo com Moreira (2006),

Pode-se, então, dizer que a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação “ancora-se” em conceitos relevantes (subsunçores) preexistentes na estrutura cognitiva. Ou seja, novas idéias, conceitos, proposições podem ser aprendidos significativamente (e retidas), na medida em que outras idéias, conceitos, proposições, relevantes e inclusivas estejam adequadamente claros e disponíveis, na estrutura cognitiva do indivíduo e funcionem, dessa forma, como ponto de ancoragem às primeiras (Moreira, 2006, p. 15).

Para que haja a aprendizagem significativa, é necessário que o professor verifique se o que está sendo trabalhado com os alunos já faz parte dos conhecimentos prévios desses indivíduos, mesmo que seja de forma rasa. Conforme Moreira (2006)

A aprendizagem significativa caracteriza-se, pois, por uma **interação** (não uma simples associação), entre aspectos específicos e relevantes da estrutura cognitivas e as suas informações, pelos quais estas adquirem significado e são integradas à estrutura cognitiva de maneira não arbitrária e não literal, contribuindo para a diferenciação, elaboração, e estabilidade dos subsunçores preexistentes e, conseqüentemente, da própria estrutura cognitiva (Moreira, 2006, p. 16).

Desse modo, ao adentrar no assunto em questão, o aluno conseguirá promover uma interação entre o que há em sua estrutura cognitiva e o que está sendo exposto para ele na sala de aula. De acordo com Moreira (2006)

A aquisição de significado, como já foi dito, é o produto da aprendizagem significativa. Ou seja, o significado real para o indivíduo (significado psicológico) emerge quando o significado potencial (significado lógico) do material de aprendizagem converte-se em conteúdo cognitivo diferenciado e idiossincrático por ter sido relacionado, de maneira substantiva e não arbitrária, e **interagido** com ideias relevantes existentes na estrutura cognitiva do indivíduo (Moreira, 2006, p. 27).

É importante verificar também o quanto desse conhecimento é implícito ou explícito. Convém lembrar que os seres humanos, desde o momento em que iniciam o processo de fala, tornam-se usuários da gramática, utilizando frases simples e, às vezes, com desvios. Esse conhecimento é implícito, ocorre durante o desenvolvimento humano e faz parte da estrutura

cognitiva do indivíduo. É na fase escolar que esse conhecimento começa a ser estruturado, sendo apresentadas aos alunos novas formas de utilizá-lo de maneira mais adequada na forma oral e na escrita. Segundo a visão de Costa *et al* (2011), ensinar gramática não é ensinar algo totalmente novo, mas conscientizar os alunos sobre um conhecimento que eles possuem e usam sem ter consciência desse fato.

O termo “conhecimento explícito” só faz sentido tendo como referência a ideia de que existe conhecimento implícito sobre a língua. Por outras palavras, um trabalho sobre conhecimento explícito assume, de forma inequívoca, que os alunos são falantes competentes, ou seja, utilizadores da língua que mobilizam de forma automática regras gramaticais para gerar e produzir enunciados na sua língua (Costa *et al*, 2011, p. 7).

É no processo de ensino-aprendizagem que o conhecimento implícito começará a ser aprofundado por intermédio do educador que apresentará a esse sujeito as normas gramaticais e sua forma de uso. Dessa maneira, o professor conseguirá demonstrar ao aluno que, por mais que a gramática pareça de difícil entendimento, ela faz parte do nosso dia a dia e o professor e a escola estão como “pontes” para a interação entre o que ele já sabe implicitamente e o que será apresentado de forma explícita na sala de aula. De acordo com Marchão (2017)

Ao entender-se o ensino da gramática como um processo de explicitação do conhecimento linguístico, é fundamental que se estabeleça a distinção entre aquilo que é espontaneamente adquirido e o que precisa de ser formalmente aprendido (Marchão, 2017, p. 217).

Para ter uma noção de como se encontra o conhecimento prévio de seus alunos, o professor pode formular uma pergunta aos alunos sobre o assunto sem que haja uma contextualização a respeito do que será trabalhado durante a aula. Dessa forma, o aluno conseguirá elaborar uma resposta que poderá ter algo totalmente condizente com o assunto, ou elaborará uma tese totalmente falsa. A partir daí o professor fará a “ponte” facilitadora do saber entre o conhecimento implícito e o conhecimento explícito de acordo com o que ditam as regras gramaticais, assim, o estudante conseguirá assimilar o assunto de forma mais duradoura, ou seja, de forma significativa. O aluno perceberá que ele já tinha um certo conhecimento do assunto abordado, e que o professor, por meio do ensino da gramática o ajudará se aprofundar de forma mais abrangente no que tange às regras gramaticais.

Tanto a pergunta inicial como as atividades para explicitação do conhecimento podem ser feitas com o auxílio de jogos didáticos ou recursos visuais que levem à ação e envolvam o lúdico no processo de aprendizagem. Desse modo, é inserida no cotidiano escolar uma forma de aprendizagem mais significativa, promovendo uma assimilação duradoura e eficiente dos conteúdos pelos discentes.

## **2 O PAPEL DOS COMPLEMENTOS VERBAIS NA CONSTRUÇÃO DOS TEXTOS**

Diante do estudo da gramática, muitos alunos sofrem por terem dificuldades na compreensão e no uso das regras gramaticais tanto no que tange à oralidade como também à escrita. O que nos é trazido por Costa *et al* (2011, p. 6) condiz com o que é perceptível na realidade das escolas de todo o país e em várias turmas e níveis educacionais. Há muitas dificuldades na interpretação textual e oral, na assimilação de conteúdos e na resolução de atividades e criações textuais. Entretanto, os alunos não percebem que, mesmo sem ter conhecimento aprofundado a respeito do assunto, formam frases compreensíveis, unindo verbos e complementos verbais, dentre outros elementos integrantes de uma oração. Para Bechara (1945, p. 40), “Em termos gerais, podemos dizer que o objetivo principal da escola consiste na formação, aperfeiçoamento, e controle das diversas competências linguísticas do aluno”.

Para que o professor consiga alcançar esse aperfeiçoamento e ajudar na formação e na construção de uma aprendizagem mais significativa, o uso de atividades orais torna-se uma ferramenta eficaz para observar o que os estudantes trazem de conhecimento implícito sobre o que está sendo abordado em sala de aula, e assim, introduzir metodologias que permitam aprofundar o conhecimento desses estudantes de forma explícita.

De acordo com os conhecimentos de Costa *et al* (2011) “Muitos docentes consideram que o trabalho sobre gramática é menos útil que o trabalho sobre competências de leitura, escrita e produção e expressão oral”, porém, seu estudo é necessário para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos.

Dentre os aspectos gramaticais relevantes, destacam-se os verbos e seus complementos, pois o uso dos verbos no dia a dia do ser humano é algo constante. É muito difícil, praticamente impossível, falar algo sem utilizar um verbo ou uma locução verbal. De acordo com Cunha e Cintra (2016), o verbo é uma palavra variável, que exprime um acontecimento representado no tempo. Conforme a ação descrita, pode requerer outra palavra (ou palavras), para que o sentido seja claramente estabelecido. Os verbos desse tipo são chamados de transitivos, porque não

encerram em si o processo verbal, que é transmitido a outros elementos, denominados Complementos Verbais. O papel dos complementos verbais na coerência do texto é de fundamental importância, pois, tem a finalidade de completar o sentido dos verbos *transitivos* na fala e na escrita, trazendo clareza, coerência e evitando ambiguidade. Sem o correto uso dos complementos verbais, o sentido das frases pode ser comprometido, tornando o texto confuso e ocasionando interpretações equivocadas.

De acordo com Cegalla (2009); Cunha e Cintra (2016); Bechara (2009); Lapa (1991), os *Complementos Verbais* são Termos Integrantes da Oração e se dividem em Objeto Direto (OD) e Objeto indireto (OI).

Conforme Cunha e Cintra (2016, p.154), o objeto direto é um complemento verbal que completa o sentido de verbos transitivos diretos e na maioria das vezes não se liga ao verbo por meio de uma preposição. Vejamos o exemplo: João vende. É notório que a frase está incompleta, pois ocorre a seguinte indagação: O que o João vende? É necessário que haja um complemento para que a frase tenha sentido: João vende balas. Temos portanto, os elementos: Sujeito: João; verbo: vende; complemento: balas. Como não há preposição necessária entre o verbo e o complemento, este é chamado de Objeto Direto.

Nesse outro exemplo: “A professora conhece”, mais uma vez precisa-se de um complemento para entender a frase. Surge logo a pergunta: conhece o que? Conhece quem? A frase necessita de um complemento para que ocorra entendimento: “A professora conhece o José”. Também aqui o complemento é Objeto Direto, porque o verbo não requer preposição.

Por outro lado, nas frases: “Gosto **de** frutas”; “Maria não confia **em** João”; “O diretor concordou **com** as propostas”, verifica-se a presença de preposição entre o verbo e seu complemento. É perceptível que os verbos transitivos indiretos “pedem” o uso de preposição para que haja sentido na oração. O uso da preposição é primordial para que haja entendimento e clareza na fala e na escrita. O complemento verbal precedido de preposição é chamado de Objeto Indireto, conforme definido por Cunha e Cintra (2016, p. 157) “objeto indireto é o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição”.

O conhecimento e o entendimento do que são os complementos verbais e como usá-los de forma adequada é primordial para a construção e o compreensão textual, além de proporcionar aos ouvintes e leitores uma experiência mais agradável no convívio social. Para isso, o conhecimento das regras do uso dos verbos e seus complementos é algo primordial para o desenvolvimento da aprendizagem. É de fundamental importância que os alunos consigam entendê-las e utilizá-las de forma correta, e é por meio do ensino explícito que os estudantes

começam a ter conhecimento de como utilizar essas regras adequadamente na fala e na escrita. Para Gauthier (2014, p. 271) “[...] o Ensino Explícito visa ‘tornar explícito o que é implícito’”. Para isso é necessário que o assunto seja exposto de forma objetiva, assim os alunos saberão exatamente o que o professor espera deles e começarão a fazer interações entre o que há em seu aparelho cognitivo e o que está sendo abordado na aula. De acordo com os conhecimentos de Gauthier (2014, p. 271 e 272), o professor deverá sempre estar consciente de que os alunos não chegam na sala de aula com a mente vazia, e que a gramática utilizada por eles no cotidiano de forma implícita, eles trazem vários conhecimentos, muitos corretos, mas também outros errados. Nesse sentido, a gramática utilizada pelos alunos no cotidiano, de forma implícita, tem aspectos da gramática normativa e outros que, embora utilizados de forma coloquial, não devem ser utilizados em contexto formal. É por meio do ensino explícito que serão aprofundados os conhecimentos prévios, rememorando assuntos já estudados outrora para que seja facilitada a aquisição de novos saberes e sanadas possíveis dúvidas. Portanto, o ensino explícito é de fundamental importância em quaisquer assuntos e disciplinas que fazem parte do currículo escolar. Segundo Gauthier (2014, p. 272) “O Ensino Explícito implica, então, no treinamento [...]. Uma outra característica do Ensino Explícito é dar apoio aos alunos para que avancem na aprendizagem”.

Para que haja um melhor resultado no processo de ensino-aprendizagem, as atividades lúdicas são de fundamental importância como ferramenta metodológica de ensino, para isso, exemplos de atividades lúdicas contidas na tese de doutorado de Costa (2018) como o *quadro de pregas*, o *cabide didático* e o *jogo da memória*, poderão fazer toda a diferença na execução das aulas tendo como assunto os complementos verbais. Essas atividades são eficazes como exercícios de fixação e também como forma avaliativa para auxiliar o professor a identificar possíveis dificuldades na assimilação do assunto abordado, além de promover aquisição de novos saberes por meio de um processo de ensino significativo, ativo e prazeroso. É importante que todas essas atividades lúdicas tenham como base diversos gêneros textuais como letras de músicas, poesias, contos, dentre outros que possibilitarão um leque de possibilidades para trabalhar qualquer assunto abordado em sala de aula.

### **3 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E A SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Para auxiliar os professores em seu cotidiano profissional, a elaboração de *Sequências Didáticas* (SD) são aliadas de grande importância no processo organizacional do dia a dia do professor e na vida de seus alunos.

Para além do processo organizacional do professor, a SD ajuda na elaboração de atividades que consigam promover formas mais ativas e interativas de ensino. De acordo com Zabala (2014) “As atividades são o meio para mobilizar a trama de comunicações que pode se estabelecer em classe; as relações que ali se estabelecem definem os diferentes papéis dos professores e dos alunos”.

Segundo Cabral (2017, p. 38) é necessário que o educador faça um diagnóstico a respeito do que esse aluno já sabe em relação ao assunto que será abordado, para que em seguida possa ser elaborada uma SD bem estruturada e eficaz para o processo de ensino-aprendizagem almejado. É necessário um olhar para além do conteúdo a ser ministrado naquele momento e muita criatividade para que se desenvolva atividades que auxiliem no processo de aquisição e assimilação dos saberes expostos de forma explícita. Para Zabala (2014), é por meio da SD que cada atividade terá o seu papel bem especificado no que tange ao processo de aquisição e estruturação de saberes. Cada atividade deve ser pensada e elaborada de acordo com o assunto que será abordado, os objetivos a serem atingidos e a faixa etária dos alunos envolvidos.

### **3.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: COMPLEMENTOS VERBAIS, OBJETO DIRETO E OBJETO INDIRETO**

#### **3.1.1 Identificação**

Público-alvo: Alunos do Ensino Fundamental, 6º ano C

Duração: 5 aulas, sendo 2 aulas com dois tempos cada e 1 aula de 45 minutos

Escola: EMEF Dr Ulysses Guimarães

Professores: Laudinei Munhak Buchinger; Joyce da Silva Texeira

Período: 19 a 23 de maio/2025

#### **3.1.2 Conteúdos**

- Leitura e análise de textos;
- Complementos verbais.

#### **3.1.3 Objetivos**

Levar os alunos a:

- Reconhecer a importância dos complementos verbais em relação aos verbos transitivos;
- Identificar o que é um objeto direto e o que é um objeto indireto;

### 3.1.4 Estratégias/ metodologia

- Exposição dialogada com auxílio de recursos didáticos analógicos alternativos;
- Dinâmicas;
- Jogos didáticos;
- Atividades em grupos.

### 3.1.5 Recursos

Conjunto Triplex

Textos impressos

### 3.1.6 Procedimentos de ensino

#### Primeira etapa (Duas aulas)

No primeiro momento, serão feitas as devidas apresentações e explicações sobre o objetivo do trabalho que será desenvolvido na de aula. Logo em seguida será dado início às atividades. Será anunciado aos alunos que as aulas tratarão sobre os complementos verbais, que acompanham o verbo transitivo, e se dividem em Objeto direto (O.D) e Objeto indireto (O.I). Para fins de diagnosticar como estão os conhecimentos dos estudantes a respeito dos verbos, será lido o texto *Classificados poéticos*, de Roseana Murray (Anexo 1), cujas cópias impressas serão distribuídas previamente. Após a leitura, será feita uma roda de conversa com a turma, utilizando perguntas como: O que vocês acharam do poema? Qual é o planeta em que esse menino mora? Por que o azul do planeta está desbotado? Quais os problemas que existem no planeta? O que podemos fazer para ter um planeta melhor? Em seguida será solicitado aos alunos que eles apontem os verbos presentes no texto, bem como as palavras ou expressões que os complementam, para que verifiquem os objetos diretos e indiretos.

Na fase seguinte, os alunos serão convidados a participar de uma atividade lúdica denominada como “Jogo da velha verbal” com o objetivo de reforçar o conhecimento dos verbos e seus complementos de forma mais ativa e prazerosa. O jogo será executado com auxílio do Conjunto Triplex, material didático formado por três painéis de papelão, cada um contendo três encaixes para colocação de letreiros e figuras (fig. 1). Os encaixes são numerados de um a nove e, atrás dos números, serão colocadas orações para identificação dos verbos e seus complementos. As orações serão simples e de fácil entendimento, como: “Você já viu alguma formiga carente?” etc.



Figura 1 – Conjunto Triplex. Fonte: Acervo prof.<sup>a</sup> Elisa Costa

O jogo é realizado da forma tradicional, que implica completar uma sequência de três símbolos iguais (X ou O), seja na horizontal, vertical ou diagonal. Entretanto, para marcar um ponto, é necessário responder à pergunta correspondente. Após explicação minuciosa sobre o funcionamento da atividade, a turma será dividida em dois grupos, G1 e G2, definindo-se no “par ou ímpar” qual grupo começará o jogo e qual o símbolo (X ou O) de cada grupo.

O grupo iniciante escolherá um número. O professor retira o cartão e lê a pergunta. O grupo deve identificar o verbo e o respectivo complemento. Em caso de responder acertadamente, o grupo poderá colocar um cartão com seu símbolo sobre o número escolhido. Se a resposta estiver errada, a pergunta é passada para o grupo oponente, que tem a oportunidade de responder corretamente e ocupar o espaço com seu marcador. Caso o segundo grupo também erre, o professor dará a resposta correta e nenhum grupo marca o ponto, mas o jogo continuará até fechar a rodada. O mesmo número poderá ser escolhido novamente, pois haverá três perguntas em cada espaço. Encerra-se o jogo quando um dos grupos fechar os três pontos em sequência, ou quando não houver mais possibilidade de jogadas. Será vencedor o grupo que completar a sequência ou, em caso de travamento, o grupo que tiver mais acertos, contabilizados pelas somas dos símbolos colocados no Triplex. Em seguida, será feita uma breve conversa sobre a experiência, dando oportunidade para que os alunos manifestem suas opiniões quanto ao aprendizado. Após isso, a aula será finalizada.

### **Segunda Etapa (Duas aulas)**

Terá início com uma rememoração do assunto, feita por meio de perguntas como: O que é um complemento verbal? Como é dividido o complemento verbal? O que é um objeto direto? O que é um objeto indireto? Como podemos identificar um O.D e um O.I.? Após cada resposta, serão corrigidos possíveis erros, serão feitas mais algumas explicações caso seja necessário, utilizando-se exemplos escritos no quadro. Na sequência, será lido, com a participação dos alunos, o texto “Tempestade” de Henriqueta Lisboa (Anexo 2), que será entregue à turma em

cópia impressa. Após a leitura, será perguntado aos discentes: O que vocês acharam do texto? Vocês também já tomaram banho de chuva? Quais os argumentos que o menino usa para que a mãe permita o banho na chuva? O que a mãe responde ao menino? Após essa rápida roda de conversa, com a participação dos alunos, serão identificados no texto os complementos verbais e se são objeto direto ou objeto indireto. Para finalizar a aula, os alunos serão convidados a participar de uma atividade lúdica. A atividade, denominada Trio Verbal, consiste na formação de orações com sujeito, verbo e complemento. Serão colocados, na parte superior do Triplex, o sujeito e o verbo de cada oração, cabendo aos alunos completarem as orações com o complemento verbal adequado. Como base para a atividade, serão utilizados os poemas: “As tias” de Elias José (Anexo 3) e “As meninas” de Cecília Meirelles (Anexo 4). As orações utilizadas serão escritas em fichas retangulares encaixáveis no suporte do jogo. Serão utilizadas letras grandes e em uma coloração adequada para melhor visualização. Os alunos observarão a oração incompleta e procurarão entre as palavras recortadas o complemento que se encaixe e complete o sentido do verbo em questão. Exemplos de orações: Arabela **abria a janela**. Carolina **erguia a cortina**. Pensaremos **em cada menina que vivia naquela janela**. Mas a profunda saudade é Maria, **que dizia com voz de amizade: Bom dia!**; A tia Catarina **cata a linha** etc.

Serão formados dois grupos, G1 e G2, decidindo-se no “par ou ímpar” quem começará o jogo, que será explicado minuciosamente aos alunos. Primeiramente, os textos serão lidos com os alunos e, em seguida, será realizada a atividade proposta. Cada acerto somará um ponto para a equipe. Em caso de erro, a equipe adversária poderá completar a oração no lugar da equipe anterior, marcando ponto caso acerte o complemento verbal. O jogo perdurará até que finalizem as orações elaboradas para a atividade. Os pontos serão contabilizados a partir de fichas colocadas na segunda e terceira linhas do Triplex, sendo que, no primeiro painel haverá um cartão com os indicativos G1 e G2. As fichas serão diferentes para melhor identificação dos grupos. A cada acerto do grupo, uma ficha será colocada no local correspondente (fig. 2). No final, será realizada a contagem de pontos e a equipe vencedora será revelada. A atividade durará até que todas as orações estejam completas.



Figura 2 – Jogo Trio Verbal. Fonte: Acervo prof.<sup>a</sup> Elisa Costa

### Terceira Etapa (Uma aula)

Para a terceira e última etapa, foi elaborada uma variação da atividade Trio Verbal, que terá como intuito avaliar a aprendizagem dos estudantes no decorrer das aulas anteriores e observar se ainda há muitas dúvidas e dificuldades diante do assunto em questão. Esta atividade também consiste em orações que deverão ser completadas pelos alunos. Porém, nesse caso, será colocado no Triplex apenas o verbo de cada oração, como os seguintes: gostam, comprou, preciso, obedece, esquecemos, escrevia etc. Os educandos terão que completar a oração com um sujeito e um complemento adequados, dando sentido a cada oração. Para isso, serão preparadas fichas em branco e pincel atômico. Cada grupo, na sua vez de jogar, deverá escrever um sujeito e um complemento para o verbo que estiver no quadro. Além disso, deverá identificar se o complemento utilizado é um objeto direto ou um objeto indireto.

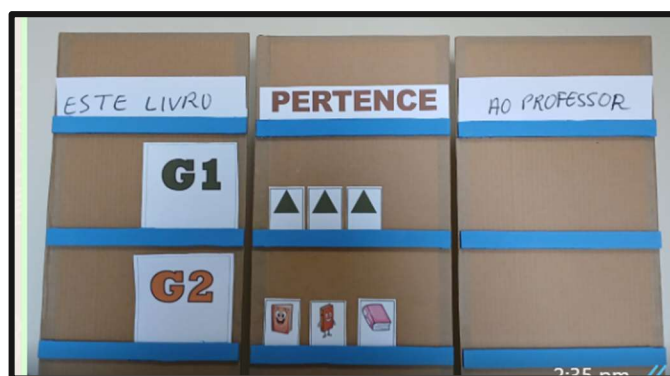


Figura 3 – Jogo Trio Verbal-2. Fonte: Acervo prof.<sup>a</sup> Elisa Costa

A contagem dos acertos e soma de pontos será do mesmo modo da atividade anterior. Serão formados dois grupos, G1 e G2, que definirão com “par ou ímpar” qual grupo começará a atividade. Esta se encerra quando terminarem os verbos e, em seguida, feita a soma dos pontos, a equipe vencedora será identificada. Após parabenizar aos alunos pela participação, os

professores perguntarão a eles o que acharam das aulas e se conseguiram entender melhor o assunto por meio das atividades lúdicas desenvolvidas em sala de aula. Serão feitos os devidos agradecimentos ao diretor, à professora e aos alunos e a aula será finalizada.

### **3.2 Relatório das atividades desenvolvidas na escola**

As atividades foram desenvolvidas na turma C, 6º ano, período vespertino, e ocorreram durante uma semana, do dia 19 ao dia 23 de maio de 2025, cada aula tendo uma duração de 2 tempos de 40 minutos cada. A turma é constituída por aproximadamente 35 alunos. Vale ressaltar que o diretor da escola, o Sr. Auristelio Lima Mendes, recebeu a ideia com muita boa vontade e interesse e nos apresentou à professora Francisca O. da Cruz que, de imediato aceitou nos receber em sua sala de aula e ficou bastante interessada no que seria desenvolvido durante o período proposto.

#### **3.2.1 Aula do dia 19 de maio de 25: 2 tempos de 40m cada (13h30 às 14h50)**

No primeiro momento foram feitas as devidas apresentações e explicações a respeito do intuito do trabalho a ser desenvolvido na sala de aula. Começamos falando que estudaríamos os *complementos verbais*. Para iniciar, perguntamos a eles o que era um verbo. Os alunos se calaram, talvez por timidez. Então, relembramos a eles que os verbos expressam *ação, estado e fenômenos da natureza*. Uma das alunas falou que “tudo o que conseguimos conjugar é verbo” e falamos que sim. Em seguida perguntamos o que entendiam por verbo transitivo. Os alunos disseram que não lembravam de terem estudado sobre o assunto. Explicamos a eles que os *verbos transitivos diretos* e os *verbos transitivos indiretos* necessitam de um complemento verbal para que tenham sentido completo na frase com clareza e coerência. Explicamos também que os complementos verbais que acompanham os verbos transitivos diretos são conhecidos como *objeto direto* e *não precisam* de preposição para ligar o verbo ao complemento. Os complementos verbais que acompanham os verbos transitivos indiretos *exigem uma preposição* para ligar o verbo ao complemento e são conhecidos como *objetos indiretos*. Também explicamos que, para facilitar a identificação dos objetos, é de suma importância observar se há uma preposição ligando o complemento ao verbo, se houver a preposição será um objeto indireto, se não houver a preposição será um objeto direto.

Essas definições foram escritas no quadro para que fossem copiadas pelos alunos, assim como as frases utilizadas para exemplificar cada caso e auxiliar na assimilação do assunto. Para formar os exemplos, colocamos no quadro alguns verbos, como: gosto, preciso, confio, pulam, amo, quero, entre outros. Para cada verbo escrito no quadro, solicitávamos a colaboração dos

alunos para acrescentar um sujeito e um complemento. Em seguida, analisávamos a frase para verificar se o complemento era direto ou indireto. Embora os alunos tenham sido bastante participativos fazendo perguntas, escrevendo o que estava no quadro, algumas conversas paralelas surgiam durante a aula, e tivemos que chamar atenção deles algumas vezes, mas isso não interferiu no processo de ensino-aprendizagem. Foi possível notar durante as explicações que os alunos tinham bastante dificuldade em reconhecer as preposições em meio às orações. Diante disso, foi necessário anotar no quadro as preposições essenciais para que eles copiassem e relembassem quais palavras fazem parte desse grupo, além de explicar que algumas preposições surgem da junção entre algumas preposições e artigo, pronomes etc.

É notória a importância que há em trabalhar textos no ensino da gramática, pois os alunos prestam mais atenção à aula e a participação melhora bastante. Sendo assim, para dar continuidade à aula, foi lido o texto *Classificados Poéticos*, de autoria de Roseana Murray. Os alunos prestaram bastante atenção e fizeram silêncio durante a leitura. Na sequência, foram feitas algumas perguntas. Primeiramente perguntamos: O que vocês acharam do texto? Eles responderam em coro que gostaram muito. Por qual motivo o azul do céu está ficando desbotado? Eles responderam que é por causa da poluição e do desmatamento. Em que planeta o menino mora? Eles responderam que era na Terra. Outras perguntas foram feitas e foi possível notar que a interpretação estava bem razoável e que eles foram coerentes na formulação das respostas.

Após esse momento, foi feita uma análise junto com eles para identificassem onde estavam os verbos e os complementos verbais. Os estudantes ficaram meio receosos em dar palpites, então, fomos lendo com eles algumas frases e ajudando-os na identificação. Pedimos para que identificassem onde estava o verbo na frase “Menino que mora num planeta azul feito a cauda de um cometa”. Alguns alunos tiveram dificuldades para apontar, alguns confundiram com o sujeito da oração, mas outros apontaram-no corretamente. Logo após pedimos para identificar o complemento verbal e eles apontaram corretamente “num planeta azul feito a cauda de um cometa”, mas quando foi perguntado se havia alguma preposição após o verbo, os estudantes não conseguiram identificar. Diante disso, explicamos a eles que o “**num**” é uma preposição formada pelo ajuntamento da preposição “em” + o artigo indefinido “um” que forma a palavra “num”. Mostramos também que a preposição “em” + o artigo “o” forma o “no”; a preposição “de” + o artigo “o” forma o “do” etc. Feitas as explicações necessárias, voltamos à frase a ser analisada e perguntamos se esse seria um objeto direto ou indireto. Alguns alunos responderam que seria OD, outros, que era um OI. Relembamos a eles que a preposição acompanha o OI. Diante disso eles responderam que como o “num” é uma preposição, então

era um OI, confirmamos a resposta. Continuamos a análise do texto até o final e os estudantes conseguiram identificar os complementos e os verbos de forma mais coerente e bem participativa.

Em seguida foi realizada uma atividade lúdica denominada “Jogo da Velha verbal”, os alunos ficaram bem eufóricos com a realização da atividade e participaram ativamente.



Figura 4 – Jogo da velha verbal. Fonte: Acervo pessoal

No decorrer da atividade foi necessário chamar atenção deles por conta do barulho que estava um tanto exagerado, mas o mais importante e gratificante foi notar como a participação aumentou de forma natural durante a atividade. Mesmo com algumas dificuldades no reconhecimento de alguns complementos em que havia preposição, foi bem satisfatório perceber que, de certa forma, eles já conseguiam identificar de forma correta se o complemento era um OD ou OI. E mesmo alguns alunos que não queriam ir à frente participar da atividade ajudavam os colegas opinando e discutindo entre si qual seria a resposta mais adequada. O jogo terminou com o grupo 1 sendo o vencedor com a diferença de apenas 1 ponto de vantagem. Foi possível notar a diferença entre o início da aula e o final da aula em relação ao conhecimento demonstrado pelos alunos. Perguntamos a eles o que acharam da aula e das atividades realizadas. Eles responderam que gostaram bastante e perguntaram se iríamos realizar mais atividades no decorrer das outras aulas. Respondemos que sim, agradecemos a eles e finalizamos a aula. Foi muito lindo receber palmas deles ao finalizar a aula e perceber que estavam bastante felizes e com vontade de participar de atividades futuras.

### 3.2.2 Aula do dia 20 de maio de 2025: 2 tempos (13h30 às 14h50)

A aula foi iniciada com uma pequena revisão, que permitiu notar que os alunos conseguiam dizer com as palavras deles o que é um completo verbal e identificar quando um complemento se trata de um OD e quando é um OI. Entretanto, persistia a dificuldade na identificação das preposições. Apesar de estarem bem mais agitados do que a aula anterior no que diz respeito às conversas paralelas, eles continuaram bastante participativos e responderam às perguntas, colaborando com novos exemplos escritos no quadro. Em seguida, foi lido com a turma o texto de Henriqueta Lisboa intitulado *Tempestade*. Os alunos ouviram atentamente e em silêncio. Após a leitura, foram feitas perguntas a eles a respeito do texto, vários alunos falaram que já haviam tomado banho de chuva. Outros falaram que a mãe não deixa. Alguns disseram que gostavam da chuva e do vento. Outros que a mãe também ficava preocupada igual à mãe da criança da história. Em seguida, foi realizada uma análise do texto onde foi solicitado que apontassem os verbos e que tipo de complementos os acompanhavam. Mais uma vez os alunos se sentiram acanhados a arriscar. Desse modo, foi necessário que fôssemos apontado frases no texto e pedindo para que eles dissessem que tipo de objeto era aquele, assim, os alunos se sentiram à vontade para participar. Foi possível notar uma grande melhora na assimilação do assunto e que eles estavam mais seguros para responder. Embora ainda tivessem certa dificuldade, já havia uma perceptível melhora no reconhecimento dos complementos verbais.

Após esse momento, os alunos foram convidados a participar da dinâmica denominada como Triplex verbal.



Figura 5 – Jogo Triplex verbal. Fonte: Acervo pessoal

Os alunos permaneceram nos mesmos grupos formados na aula anterior e se mostravam bastante animados para começar a atividade. Foi explicado como funcionaria o processo: eles escolheriam um verbo que estava sobre a mesa, o qual seria colocado no centro do conjunto Triplex. A partir disso, os alunos completariam com o sujeito e complemento adequado, dizendo se era um OD ou OI. Mesmo assim alguns alunos não estavam entendendo. Diante disso, reexplicamos e a dúvida foi sanada. Começamos a atividade usando uma frase de

exemplo e completando com o complemento adequado e explicando se tratava de um OD ou um OI, assim, os alunos tiveram mais clareza a respeito do que fariam. Todas as frases utilizadas foram extraídas dos textos lidos e discutidos durante a aula e a análise ocorreu por meio da atividade. Foi possível perceber que os estudantes tiveram mais facilidade ao reconhecer os verbos e os complementos, deixando notório que compor uma atividade a partir de fragmentos dos textos trabalhados durante a aula faz com que os educandos consigam entender melhor o assunto e reconhecer com mais facilidade o que está sendo pedido a eles durante o processo de ensino. Foi muito gratificante perceber que o entendimento a respeito do assunto nem se comparava com o que se verificou na primeira aula. Os alunos pediam para participar e ir à frente, ajudavam-se, discutiam se era um objeto direto ou indireto, se era preposição ou não que ligava o verbo ao complemento. No final da atividade, mais uma vez foi o grupo 1 que obteve mais pontuação. Perguntamos a eles o que acharam da atividade e disseram que gostaram muito e o assunto estava mais claro para eles. Para que houvesse uma melhora no entendimento e na identificação de um complemento de um verbo transitivo indireto, aplicamos mais uma análise de texto utilizando o Triplex verbal, utilizando o poema *Semana inteira*, de Sérgio Caparelli (anexo 5). Como se trata de um texto lúdico que aborda os dias da semana, a análise foi feita rapidamente e a atividade teve início. Com a presença de vários objetos indiretos, tornou-se perceptível uma maior dificuldade no reconhecimento das preposições e, assim, no reconhecimento do objeto indireto. Entretanto, no decorrer da atividade, foi possível perceber que as dificuldades diminuíram e a identificação dos objetos indiretos se tornou mais acertada. A aula foi finalizada com muita satisfação e alegria em ver que, com atividades simples, podemos ajudar os alunos a aprender de forma ativa e significativa.

### **3.2.3 Aula do dia 23 de maio de 2025: 2 tempos (16h25 às 17h45)**

A aula foi organizada para que fosse desenvolvida em 1 tempo de 40 minutos, entretanto, a professora nos deixou à vontade para que usássemos o segundo tempo de aula restante. Os alunos se encontravam bastante eufóricos e com mais conversas paralelas. Por esse motivo, tivemos que chamar atenção deles por algumas vezes, mas isso não comprometeu o andamento da aula. Rememoramos de forma breve o conteúdo e demos início à atividade. Notamos uma melhora significativa no entendimento do assunto e principalmente no reconhecimento dos OI nas frases que utilizamos como exemplo no quadro. Os alunos continuaram nos mesmos grupos formados anteriormente e a atividade, que é uma variação do Triplex verbal, foi iniciada.



Figura 6 – Variação do Triplex verbal. Fonte: Acervo pessoal

Foram utilizados aproximadamente 22 verbos que possibilitaram os estudantes formarem frases com OD e com OI, foram utilizados verbos como: esqueceu, precisa, foram, aprendi, ganhei, comi, abraçou etc. Os alunos continuaram bastante participativos e até apontavam em “coro” outros colegas para que fossem participar também. Alguns aceitavam, outros ficavam muito acanhados e não aceitavam ir à frente participar, porém, mesmo de suas carteiras auxiliavam os colegas na formação das frases e na identificação dos objetos. Os alunos fizeram perguntas quando tinham dúvidas diante de algum erro. Um exemplo foi em uma frase que eles formaram e nela havia o artigo indefinido “um” e eles confundiram com uma preposição. Além dessa dificuldade no reconhecimento das preposições, foi possível notar que alguns alunos têm dificuldade na escrita. Um dos alunos, ao ir à frente, ao escrever a preposição “ao”, escrevia “au” trocando o “o” pelo “u”, outros começavam a frase com letra minúscula, assim como, no final da frase não colocavam a pontuação adequada. A cada um desses equívocos, parávamos e corrigíamos esses erros de forma bem tranquila e sem constranger o aluno.

Os estudantes foram bastante criativos na formação das frases e coerentes no uso dos sujeitos e dos complementos e ficaram bem à vontade diante de nós. Em vista disso, foi muito prazeroso perceber que os erros haviam diminuído de forma perceptível, principalmente diante dos complementos que se ligavam ao verbo por meio de preposição, e que as intervenções estavam surtindo um efeito significativo na aprendizagem dos estudantes. Em suma, nessa última aula foi possível perceber com mais clareza que os objetivos foram alcançados de forma bastante significativa, pois os alunos já não apresentavam tantas dificuldades na identificação dos verbos transitivos indiretos e seu complemento associado à preposição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sala de aula é um desafio diário para o educador que procura sempre levar ao aluno formas diferenciadas de aprendizagem. Esse desafio se torna muito maior para quem, como nós, ainda está no início da carreira docente. Trabalhar com uma sala de aula com alunos do 6º ano foi algo desafiador e maravilhoso. Esses alunos estão num processo de mudanças, migrando do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, e isso também é um desafio para eles.

Quando chegamos na sala de aula e nos apresentamos e falamos que iríamos desenvolver as aulas por meio de atividades lúdicas, foi notória a alegria dos estudantes. No decorrer das aulas, manter o “controle” da sala não foi tarefa fácil, mas conseguimos levar as atividades adiante sem prejuízos, entendendo que essa euforia faz parte do desenvolvimento intelectual e pessoal dessas crianças. Quando começavam as conversas paralelas e chamávamos atenção deles, eles nos respeitavam e ficavam mais tranquilos. Embora houvesse essas intercorrências, a participação dos estudantes foi algo fenomenal. Os alunos pediam para ir à frente participar. Outros que, por vergonha ou timidez, preferiam ficar em seus lugares, ajudavam os colegas de onde estavam sentados. Isso nos deixava muito felizes em ver, na prática, os efeitos da ludicidade como uma ferramenta metodológica para ajudar na assimilação de conteúdo, na explicitação do que está implícito no aparelho cognitivo dos estudantes. Um outro ponto que nos emocionou, e nos deu a certeza de que as atividades lúdicas fazem toda a diferença na educação e no desenvolvimento dos estudantes, foi quando a professora Francisca O. da Cruz nos falou, diante de toda a classe, que se sentiu emocionada em ver alunos que, desde o início do ano apresentavam dificuldades em participar das aulas, mudarem de atitude com as atividades desenvolvidas por nós, pois eles não só participavam, como pediam para voltar a participar sempre que tinham oportunidade. Isso foi muito emocionante e gratificante, assim, intensificando a vontade e a certeza de levar adiante as atividades lúdicas na carreira docente.

Convém destacar que as atividades desenvolvidas para as aulas propostas no presente trabalho foram muito bem aceitas pelos estudantes, e foi possível notar como o nível de aprendizagem se modificou no decorrer das aulas. Contudo, sempre precisamos melhorar na elaboração das atividades, levando em consideração que cada fase tem um ludicidade diferente da outra, e para cada série é necessário que sejam pensadas formas que possam abranger a maioria dos estudantes.

Ao longo de todo o processo de pesquisa, verificamos que a ludicidade pode, além da contribuição no aprendizado, ajudar na socialização, na convivência, no trabalho em equipe,

estimulando os estudantes a serem mais participativos na formulação de respostas tanto escritas quanto verbalizadas.

Portanto, como futuros professores, levaremos para a nossa prática docente tudo o que foi desenvolvido durante esse trabalho tão significativo e rico para nós.

## REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórica prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática**. Opressão? Liberdade?. 8ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

CABRAL, Natanael Freitas. **Sequências Didáticas Estrutura e elaboração**. Belém: SBEM, 2017.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora, 2009.

COSTA, Elisa Augusta Lopes. **Ludicidade com recursos visuais, uma proposta para a educação Escolar indígena Krahô**. Tese (Doutorado). Araguaína. UFT 2018.

COSTA, Gercimar Martins Cabral (Org). **Metodologias ativas: Métodos e prática para o século XXI**. Quirinópolis-GO: Editora IGM, 2020.

COSTA, João; CABRAL, Assunção Caldeira; SANTIAGO, Ana; VIEGAS, Filomena. **Conhecimento Explícito da Língua: guia de implementação do programa de português do ensino básico**. Lisboa: Ministério da Educação Direção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2011.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7º ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

FREITAS, Olga. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

GAUTHIER, Clermont. O ensino explícito: um meio para tornar eficaz nosso saber pedagógico. - entrevista concedida a Andressa Aita Ivo e Marie Pierre Dencuf. **Revista Teias** v. 15. N. 39. p. 268- 280. (2014): Currículo, Políticas e Trabalho Docente.

JOSÉ, Elias. **Namorinho de portão**. São Paulo: Moderna, 1986. Coleção Girassol.

LAPA, Manoel Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. 3ª ed. São Paulo. Editora Martins Fontes. 1991 (ensino superior).

LISBOA, Henriqueta. **O menino poeta**. São Paulo: Peirópolis, 1943.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ensinar, Brincar e Aprender**. Aprender- Cad. De Filosofia e Psc. Da Educação. Vitória da Conquista. Ano IX. n. 15. P.131 a 136. 2015.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Estados lúdicos e as idades**. (s/c). 2015.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas na prática educativa: compreensões conceituais e proposições**. 1º ed. São Paulo: Cortez, 2023.

MARCHÃO, Joana. **Relações entre conhecimento explícito e a competência de leitura: Compreensão de dependências referenciais no ensino básico**. Tese (Doutorado). FCSH Universidade Nova de Lisboa: Lisboa, 2017.

MEIRELLES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. São Paulo: Giroflê, 1964.

MOREIRA, Marcos Antonio. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

MURRAY, Roseana. **Classificados poéticos**. São Paulo: Moderna, 2010.

OLIVEIRA, Fernando; VASCONCELOS, Silvia (Org). **Ludicidades e Práticas pedagógicas ativas no Ensino Do Português**. Florianópolis: Fórum Linguístico, 2023.

RAU, Maria Cristina T. Dorneles. **A Ludicidade na Educação: Uma atitude pedagógica**. Paraná: Editora IBPEX, 1ª Edição, 2013.

VASCONCELOS, Silvia. **Ludicidade no Ensino de Português como Língua Materna e não Materna**. São Paulo: Editora Mentis Abertas, 2021.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: Como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

## ANEXOS

### ANEXO 1

#### CLASSIFICADOS POÉTICOS - Roseana Murray

Menino que mora num planeta azul  
feito a cauda de um cometa  
quer se corresponder com alguém  
de outra galáxia.

Neste planeta onde o menino mora  
as coisas não vão tão bem assim:  
o azul está ficando desbotado  
e os homens brincam de guerra.  
É só apertar um botão  
que o planeta Terra vai pelos ares...  
Então o menino procura com urgência  
Alguém de outra galáxia  
Para trocarem selos, figurinhas e esperanças.

## **ANEXO 2**

**TEMPESTADE**, Henriqueta Lisboa

– Menino, vem para dentro,  
olha a chuva lá na serra,  
olha como vem o vento!

– Ah, como a chuva é bonita  
e como o vento é valente!

– Não sejas doido, menino,  
esse vento te carrega,  
essa chuva te derrete!

– Eu não sou feito de açúcar  
para derreter na chuva.  
Eu tenho força nas pernas  
para lutar contra o vento!

E enquanto o vento soprava  
e enquanto a chuva caía,  
que nem um pinto molhado,  
teimoso como ele só:

– Gosto de chuva com vento,  
gosto de vento com chuva!

### **ANEXO 3**

**AS TIAS** - Elias José

A tia Catarina  
cata a linha.

A tia Tereza  
bota a mesa.  
A tia Ceição  
amassa o pão.

A tia Lela  
espia da janela.

A tia Dora  
só namora.

A tia Cema  
teima que teima.

A tia Maria  
dorme de dia.

A tia Tininha  
faz rosquinha.

A tia Salima  
fecha a rima.

### **ANEXO 4**

**AS MENINAS** - Cecília Meireles

Arabela abria a janela.  
Carolina erguia a cortina.  
E Maria olhava e sorria: “Bom dia!”

Arabela foi sempre a mais bela.  
Carolina, a mais sábia menina.  
E Maria apenas sorria: “Bom dia!”  
Pensaremos em cada menina  
que vivia naquela janela;  
uma que se chamava Arabela,  
uma que se chamou Carolina.

Mas a profunda saudade  
é Maria, Maria, Maria,  
que dizia com voz de amizade:  
“Bom dia!”

## **ANEXO 5**

### **DIA DE FEIRA**

A segunda foi à feira,  
Precisava de feijão;  
A terça foi à feira,  
Pra comprar um pimentão;  
A quarta foi à feira,  
Pra buscar quiabo e pão;  
A quinta foi à feira,  
Pois gostava de agrião;  
A sexta foi à feira,  
Tem banana? Tem mamão?  
Sábado não tem feira  
E domingo também não.